

## Teatro &amp; Dança

Rita Cruz (Atriz) e Custódia Gallego (Vicky) em "A Noite da Dona Luciana"



ALÍPIO PADILHA

## Utopia ou economia?

Ricardo Neves-Neves encenou a peça de Copi num compromisso tensional entre o aparente desvario do texto e uma formalização quase sobre-exposta do trabalho dos atores

TEXTO JOÃO CARNEIRO

Tudo se passa de noite, é por isso que se chama "A Noite da Dona Luciana". Mais do que isso é difícil dizer. É verdade que se trata de uma Dona Luciana. Mas quem é ela? Trabalha num teatro, é mulher da limpeza. Morre — morre? Assassinada — assassinada? Vicky anda por lá a dizê-lo, mas quem é Vicky? É a Vicky Mancha Negra, uma rapariga que se infiltra no teatro, que tem um problema num braço e que diz coisas; que revela coisas.

Tudo se passa, assim, num teatro, durante um ensaio. De uma peça que está, ou não está, escrita, não se sabe bem. "Isto não é uma peça, é uma manta de retalhos", diz a atriz, a certa altura, num desabafo. A Dona Luciana também pode ser mãe de uma personagem, ou mesmo de mais de uma, a peça é um manancial de revelações. Aliás, a peça é também um policial. "O rato é o assassino", declara Vicky Mancha Negra. É uma possibilidade

como outras, mas naquela altura é 'a' possibilidade. Todos podem ter matado, todos podem morrer (e morrem), todos podem ser, ou fazer, ou ter feito qualquer coisa. E, convém notar, o rato, uma das personagens — com o autor, a atriz, Vicky, a mulher da limpeza e o(s) maquinista(s) —, é um fantoche.

O delírio da peça é um delírio organizado. O autor diz coisas sensatas — "os ratos não matam sem razão"; "toda a gente tem um segredo, toda a gente esconde os amantes, mas é mais raro esconder o cadáver da mãe" —, por exemplo. A atriz desabafa, enerva-se, sofre de ansiedade. O maquinista — que na encenação de Ricardo Neves-Neves são dois, numa espécie de dupla-espelho — navega entre a desorientação e o conhecimento: "o cúmplice sou eu, mas já não sei de quem"; ou, numa exemplar lição de poética e dramaturgia, "o teatro aprende-se no circo. Mas eu também aprendi muito na marinha. As velas

dum barco e as cortinas dum teatro para mim são a mesma coisa. Adoro subir à teia, fui grumete". A questão da relação entre o teatro e a vida fica, também, arrumada por Copi em dois tempos, basta dar a palavra a quem sabe.

Com efeito, trata-se, ainda, de uma elegante paródia do ambiente intelectual da cena teatral da segunda metade do século XX, numa Paris estonteada entre um *avant-garde* que ia empalidecendo, uma frivolidade que nunca empalideceu e uma liberdade criativa que ele, Copi, nascido na Argentina, sempre manteve, a par de um talento, de uma inteligência e de um refinamento cultural que, também, nunca empalideceram. Ricardo Neves-Neves optou por uma formalização, na organização do espetáculo, que lhe era praticamente sugerida pela aparente desorganização do texto, numa peça que parece sempre recomeçar como se o que estivesse antes ou o que vem a seguir não tivesse nenhuma importância. Mas tem. Afinal, a propósito do casamento de Deus (!) e do dinheiro recebido para desculpa dos pecados (!!), a atriz comenta, de passagem, como se nada fosse, "utopia, dizem uns, economia, dizem outros". Interpretam Custódia Gallego, Rita Cruz, José Leite, Patrícia Andrade, Rafael Gomes e Vítor Oliveira. ●

### A NOITE DA DONA LUCIANA

De Copi

Teatro da Politécnica, Lisboa, de 24 de fevereiro a 19 de março